



Ilustração Adobe Stock

A evolução da confiança: uma história de desafios e superação das médias empresas brasileiras

POR **ÁUREA H. P. RIBEIRO, PLÍNIO RAFAEL MONTEIRO REIS,
DIEGO MARCONATTO E BRUNO CARAZZA**

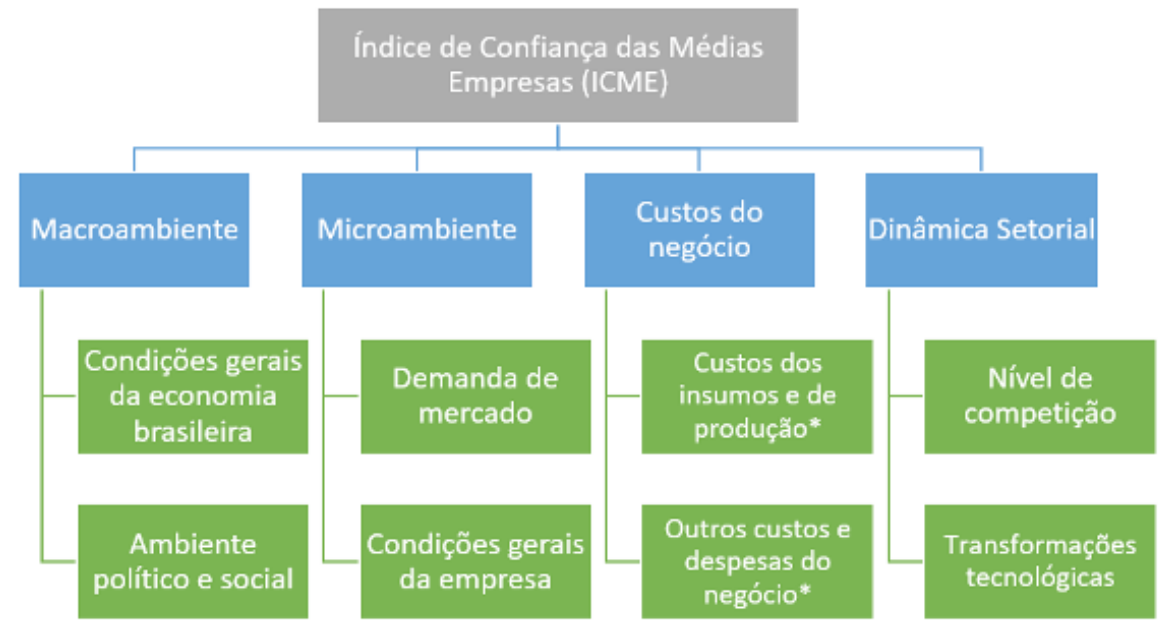
O Índice de Confiança das empresas é um indicador crucial tanto para os negócios quanto para a economia em geral. Ele é frequentemente utilizado como um termômetro da saúde econômica, pois reflete o sentimento atual e as expectativas futuras dos empresários. Ao medir o grau de otimismo ou pessimismo, o índice de confiança fornece indícios importantes sobre a percepção do empresário em relação ao ambiente de negócios e o aquecimento da demanda, estimulando sua intenção de crescimento e investimento. O índice de confiança pode também prever ciclos econômicos, sinalizando uma recessão iminente ou uma recuperação e crescimento. Portanto, conhecer este indicador é fundamen-

tal para o planejamento estratégico das empresas, bem como para a definição de políticas públicas, apoiando medidas de estímulo econômico para reverter tendências negativas, por exemplo.

Considerando a relevância deste indicador e a importância das médias empresas para a economia brasileira, a Fundação Dom Cabral desenvolveu o **ICME – Índice de Confiança das Médias Empresas**, um indicador inédito coletado a cada 6 meses em uma amostra representativa que também considera os setores da economia – indústria, comércio e serviço.

Embora representem algo em torno de 0,89% dos negócios do país, as médias empresas garantem 18,62% dos empregos e 25,14% de toda a massa salarial da iniciativa privada. Além disso, integram segmentos críticos das cadeias produtivas nacionais, atuam como alavancas de crescimento e desenvolvimento regional, e são fundamentais para a introdução de novas tecnologias e processos. Sendo assim, a confiança dos empresários das médias empresas e seus desdobramentos têm relevante impacto econômico e social no país.

AS DIMENSÕES DO ICME O ICME se diferencia das métricas tradicionais de confiança por ir além das abordagens convencionais. Embora mantenha a base metodológica dos indicadores de confiança já conhecidos, o ICME foi projetado para se alinhar mais de perto com os desafios e o contexto reais enfrentados pelos empresários ao tomarem decisões. Para isso, ele incorpora avaliações tanto das condições atuais (ICA – Índice de Condições Atuais) quanto das expectativas futuras (IEF – Índice das Expectativas Futuras), considerando não apenas a dimensão macroeconômica tradicional, como a economia brasileira e o ambiente político-social, mas também as condições específicas da empresa. De forma inovadora, o ICME também avalia o microambiente, incluindo as condições atuais e futuras relacionadas à demanda de mercado (volume de vendas), aos custos do negócio (custos de insumos, produção e despesas operacionais) e à dinâmica setorial (competitividade, tecnologia e aspectos sociais). As avaliações das variáveis do microambiente (exceto as condições gerais da empresa), dos custos do negócio e da dinâmica setorial são exclusivas do ICME.

FIGURA 1 | AS DIMENSÕES DO ÍNDICE DE CONFIANÇA DAS MÉDIAS EMPRESAS

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES.

Nota: *Estes itens têm efeito negativo na confiança do empresário, ou seja, quanto maior o indicador, menor a confiança. Estes itens são invertidos na composição dos índices.

UNIVERSO E AMOSTRA O ICME avalia o comportamento das empresas de médio porte (matriz) localizadas e/ou com filiais em todas as unidades da federação brasileira. Os critérios adotados para caracterizar as empresas de médio porte são os mesmos adotados pelo IBGE, MCDI e BNDES: ter entre 50 e 499 funcionários (critério IBGE e MCDI) ou ter faturamento anual entre R\$ 4,8 milhões e R\$ 300 milhões (critério BNDES). A margem de erro em todas as coletas realizadas foi sempre baixa, variando de 0,6% (coleta de março de 2023) a um valor máximo de 2,9% (coleta de maio de 2022), sempre com 95% de confiança.

A EVOLUÇÃO DA CONFIANÇA E OS DESAFIOS DAS MÉDIAS EMPRESAS BRASILEIRAS

A evolução do ICME, desde a primeira coleta de dados realizada entre maio e junho de 2022, demonstra que este indicador reflete claramente a percepção dos empresários das médias empresas sobre os acontecimentos econômicos, sociais e políticos no Brasil, bem como sobre os impactos destas variáveis em seus negócios. Devido às incertezas presentes no ambiente em todas as seis edições, o ICME registrou baixos níveis de confiança empre-

serial, mantendo-se consistentemente abaixo da marca de referência de 50 pontos, como mostram os gráficos abaixo. A análise dessa evolução nos revela o perfil comportamental dos empresários das médias empresas ao longo de uma jornada repleta de desafios e histórias de superação, que passamos a descrever.

Primeiro semestre de 2022 – Contexto difícil, mas promissor

A inflação anual no Brasil em 2022 chegou a 12,13%, um dos maiores patamares desde o Plano Real, mas dava sinais de recuar como resultado de uma alta taxa da Selic para 13,25%, subindo nos meses posteriores, até junho de 2023, para 13,75%. A taxa de câmbio do dólar estava estabilizada em torno de R\$5,2 e a taxa de desemprego, em queda. Além disso, havia grandes expectativas em relação à eleição presidencial. Todas estas variáveis resultaram no ICME de 46 pontos, embora ainda de baixa confiança, foi o maior ICME entre todas as suas edições. Esta pontuação foi comprometida em função do ICA, com 42 pontos, ponderado por um IEF próximo a 50, o maior índice de expectativa futura, entre todos os levantamentos realizadas.

Segundo semestre de 2022 – Colhendo bons resultados, mas com apreensão em relação ao futuro

Neste período, a inflação anual recua fortemente até o final de 2022, caindo de 12,13% para 5,79%, que, entre outras razões, decorre da alta taxa da Selic para 13,75%. O dólar se estabiliza em torno de R\$5,2 com a taxa de desemprego ainda em queda e aumento gradativo da confiança do consumidor, impulsionando o consumo. Essas variáveis se refletiram no ICME. Embora o ICME apresente um recuo de 45,6 para 44,8, esta queda foi gerada pelas expectativas futuras, apesar da boa avaliação das condições atuais naquele período. O ICA de 47,1 pontos no período foi o maior valor entre todas as edições, mas o IEF caiu de 49,6 para 42,3 pontos, demonstrando que apesar de as médias empresas estarem vivenciando um bom momento, havia forte apreensão em relação ao futuro.

Primeiro semestre de 2023 – Frustração em relação às expectativas, mas esperança no futuro baseada na força do negócio

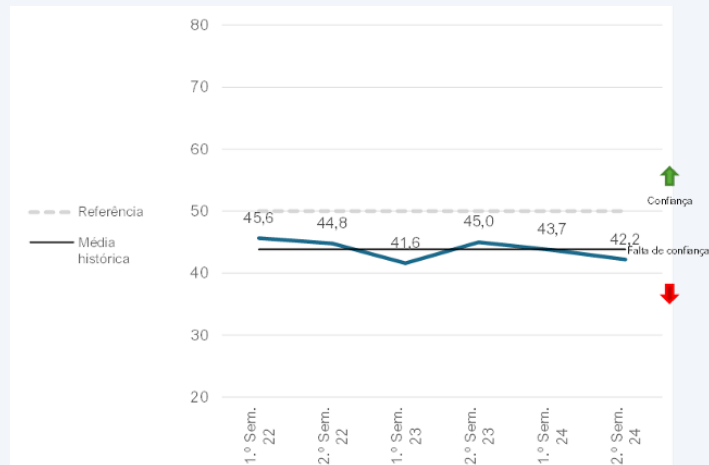
Este período foi marcado pelo início do novo governo, com instabilidades políticas e incertezas econômicas sobre o cumprimento do novo arcabouço fiscal. Essas variáveis im-

pactaram negativamente a percepção dos empresários de médias empresas. Embora a inflação tenha continuado a cair, com um IPCA acumulado de 2,99%, e o dólar tenha se mantido estável em torno de R\$5,1, o ICME recuou significativamente de 44,8 para 41,6 pontos. Esse recuo foi puxado pela redução na avaliação das condições atuais, destacando-se a “Economia Brasileira” (-23,3 pontos) e o “Ambiente Político e Social” (-10,2 pontos). Houve também uma queda na “Demanda da Empresa” (-11,2 pontos) e na “Competitividade” (-5,5 pontos), resultando em um recuo do ICA de 47,1 para 39,7 pontos. Apesar da avaliação negativa das condições atuais, os empresários das médias empresas mantiveram sua resiliência, demonstrando otimismo com um discreto aumento na expectativa futura (IEF), que passou de 42,3 para 43,7 pontos, principalmente pela confiança nas condições da própria empresa (+3,8 pontos) e na expectativa de aumento da “Demanda da Empresa” (+1,3 ponto) e na produtividade por meio de “Transformações Tecnológicas” (+0,8 ponto).

Segundo semestre de 2023 – Melhora na percepção do ambiente político-social e inflação, renovando esperanças

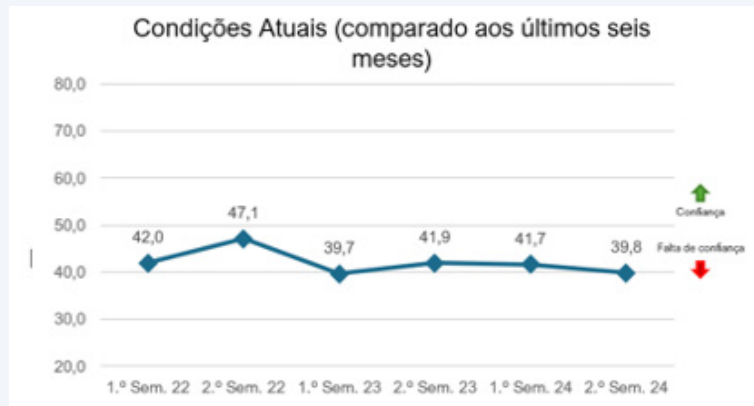
No segundo semestre, o cenário econômico melhorou surpreendentemente, com a inflação acumulada em 4,62%, aumento do PIB em 2,3% e queda na taxa de desemprego. O dólar permaneceu estável em torno de R\$5,0 e a Selic foi reduzida para 11,75%. Esses fatores contribuíram para uma melhora no ICME, que subiu de 41,6 para 45 pontos. A confiança aumentou tanto nas condições atuais (ICA) quanto nas expectativas futuras (IEF). No ICA, a “Economia Brasileira” teve um aumento de +4,7 pontos, chegando a 40 pontos, e a percepção do “Ambiente Político e Social” também melhorou, com uma variação de +5,8 pontos, alcançando 34,1 pontos, embora ainda em níveis baixos. A percepção sobre os custos do negócio avançou +6,4 pontos, chegando a 33,9 pontos. No entanto, o IEF apresentou aumentos mais significativos, subindo de 43,7 para 48,2 pontos, com destaque para as expectativas em relação à “Economia Brasileira” (+11,3 pontos) e ao “Ambiente Político e Social” (+5,9 pontos). A avaliação das expectativas da “Empresa” também melhorou (+4,1 pontos), assim como a “Demanda da Empresa” (+4,7 pontos), enquanto as “Transformações Tecnológicas” mantiveram uma avaliação positiva de 59,8 pontos. Mesmo com a melhoria, os custos dos negócios ainda indicam baixa confiança, mas com uma variação positiva de +4,9 pontos, alcançando 37,3 pontos, o maior nível desde o primeiro semestre de 2022.

GRÁFICO 1 | SÉRIE HISTÓRICA – ICME



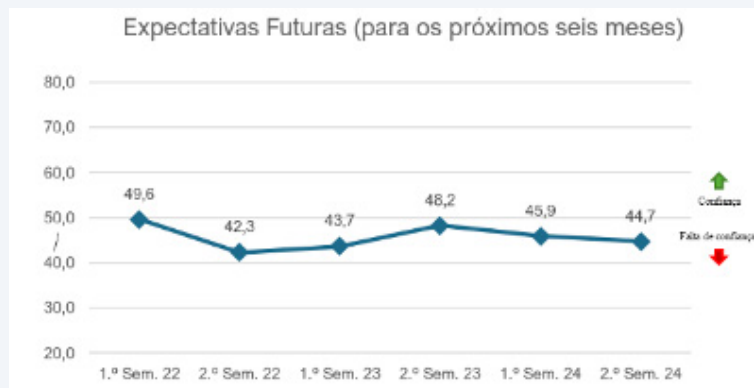
FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

GRÁFICO 2 | SÉRIE HISTÓRICA – ICA (CONDIÇÕES ATUAIS)



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

GRÁFICO 3 | SÉRIE HISTÓRICA – IEF (EXPECTATIVA FUTURA)



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Primeiro semestre de 2024 – Frustração das esperanças projetadas e início de um recuo consistente da confiança atual e futura

O primeiro semestre de 2024 foi caracterizado por aumento na arrecadação de impostos, desequilíbrio fiscal e inflação em alta, com IPCA acumulado de 2,84% e dólar abaixo de R\$5,00. Apesar da queda na taxa Selic para 10,5%, o ICME recuou para 43,7 pontos, com o IEF caindo de 48,2 para 45,9 pontos. As condições atuais (ICA) se mantiveram em 41,7 pontos, mas a percepção negativa sobre o ambiente econômico e os custos do negócio impulsionaram a queda. Apesar da melhora na percepção sobre a demanda de mercado e a condição da empresa, que passou de 45,6 para 48,7 pontos, o recuo do ICME foi também influenciado pela redução das expectativas futuras para essas mesmas variáveis, com o IEF da demanda de mercado e condições da empresa caindo de 39,7 para 35,4 pontos. Isso reflete a preocupação dos empresários com uma possível piora no negócio e na demanda nos próximos meses.

Segundo semestre de 2024 – Recuo na confiança atual e futura

O segundo semestre de 2024 está sendo marcado por uma reversão das expectativas econômicas positivas, com a interrupção do ciclo de redução da taxa de juros devido a riscos inflacionários. A decisão do Fed de postergar a redução dos juros nos Estados Unidos levou a uma valorização do dólar, impactando a taxa de câmbio no Brasil, que chegou a R\$5,4. Nesse contexto, o ICME continuou a recuar, variando -1,5 ponto, atingindo 42,2 pontos. A piora na percepção das condições atuais (ICA) foi significativa, caindo -1,8 ponto, chegando a 39,8 pontos, um dos piores níveis desde o início dos levantamentos. O IEF também caiu -1,2 ponto, registrando 44,7 pontos. A avaliação das condições da “Economia Brasileira” foi a principal responsável pela queda da confiança, com uma variação de -6,9 pontos, caindo para 31,9 pontos. A percepção sobre as “Mudanças no Ambiente Político e Social” também piorou, com uma redução de 3,2 pontos, atingindo 28,6 pontos. O ICA dos custos do negócio caiu 3,0 pontos, chegando a 27,6 pontos. O IEF das variáveis do macroambiente (condições econômicas, políticas e sociais) também caiu, com uma redução de 2,3 pontos, chegando a 36,3 pontos, e os custos do negócio apresentaram uma queda de 3,2 pontos, atingindo 31,1 pontos.

TABELA 1 | ICME® E SEUS COMPONENTES

Índice	1.º Sem. 22	2.º Sem. 22	1.º Sem. 23	2.º Sem. 23	1.º Sem. 24	2.º Sem. 24
Condições Atuais	42,0	47,1	39,7	41,9	41,7	39,8
Macroambiente ¹	41,5	46,8	31,2	36,6	34,7	30,9
Microambiente ²	55,1	57,4	46,4	45,6	48,7	48,3
Dinâmica setorial ³	51,5	57,0	52,6	51,2	51,5	51,0
Custos do negócio ⁴	16,2	24,5	27,5	33,9	30,5	27,6
Expectativas Futuras	49,6	42,3	43,7	48,2	45,9	44,7
Macroambiente ¹	47,9	34,1	34,7	43,3	38,6	36,3
Microambiente ²	59,7	47,9	51,4	55,8	54,7	54,6
Dinâmica setorial ³	57,9	54,5	55,1	55,0	54,4	55,0
Custos do negócio ⁴	30,2	32,0	32,4	37,3	34,2	31,1
Índice de Confiança das Médias Empresas (ICME)	45,6	44,8	41,6	45,0	43,7	42,2

FONTE: CENTRO DE INTELIGÊNCIA EM MÉDIAS EMPRESAS DA FDC

Notas: ¹ Economia brasileira | Mudanças no ambiente político e social. ² Sua empresa | Demanda de mercado.

³ Nível de competição | Transformações tecnológicas. ⁴ Insumos e de produção | Outros custos e despesas do negócio

CONCLUSÃO O ICME destaca-se por dois aspectos principais: primeiro, ele avança na compreensão do comportamento dos empresários de médias empresas, um setor crucial para a economia, mas frequentemente negligenciado por políticas públicas. Segundo, o ICME oferece uma visão inovadora e detalhada dos desafios enfrentados pelos empresários, fornecendo *insights* valiosos para decisões gerenciais. Essa profundidade o torna uma ferramenta robusta para orientar a performance dos negócios e impulsionar a geração de empregos e renda.

Quanto ao comportamento dos empresários das médias empresas, a evolução do ICME e de suas dimensões, ICA e IEF, nos revelam três de suas importantes características: otimismo, resiliência e empreendedorismo.

São otimistas porque, na maioria das vezes, a confiança nas expectativas futuras é melhor que a confiança nas condições atuais, demonstrando que estes empresários são sempre esperançosos e acreditam que o amanhã será melhor do que hoje. São resilientes porque não se deixam abater por variáveis políticas, sociais ou econômicas. Observa-se que a confiança nas condições atuais e futuras da economia, bem como nos aspectos políticos e sociais, não evolui na mesma proporção que a confiança nas condições da própria empresa, na demanda (vendas), na competitividade e nas transformações tecnológicas. Apesar das adversidades,

esses empresários demonstram maior confiança na força de seus negócios. São empreendedores porque os maiores índices de confiança, frequentemente acima de 50 pontos, dizem respeito às variáveis que estão sob seu controle. Apesar dos desafios e adversidades, permanecem na busca por maior competitividade e investem nas transformações tecnológicas, que impulsionam seus negócios.

São empresários admiráveis.

PARA SE APROFUNDAR NO TEMA

Banco Central do Brasil. *Relatórios de política monetária e economia*. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/ri/relatorioinflacao/202406/ri202406anp.xlsx>.

OECD. (2003). *Business Tendency Surveys: A Handbook. Organisation for Economic Co-Operation and Development*, 130.

United Nations. (2015). *Handbook on economic tendency surveys*. New York: United Nations.

ÁUREA H. P. RIBEIRO é professora e pesquisadora da Fundação Dom Cabral nas áreas de marketing e estratégia. Doutora em Administração pela Fundação Getúlio Vargas - FGV.

PLÍNIO RAFAEL MONTEIRO REIS é professor convidado da Fundação Dom Cabral na área de marketing. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Cientista e Analista Sênior no Instituto Analysis.

DIEGO MARCONATTO é professor e pesquisador da Fundação Dom Cabral na área de estratégia. Doutor em negócios, pela UFRGS (Brasil), pós-doutor, pela HEC Montréal (Canadá), e especialista em Direito e Economia Internacional, pela Fondazione Centro Produttività Veneto (Itália).

BRUNO CARAZZA é professor associado da Fundação Dom Cabral na área de economia. Doutor em Direito Econômico pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Atualmente, colunista do Valor Econômico e comentarista de economia do Jornal da Globo.